

ACONTECIMENTO DISCURSIVO NA PICHÇÃO “VIDA LOKA” EM PORTO VELHO (RO)

Rosália Aparecida da Silva¹

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o acontecimento em torno da pichção que enuncia “Vida Loka”, encontrada na região urbana de Porto Velho (RO) e fotografada em 2013. Em estudo realizado por meio da Análise de Discurso da escola francesa, buscam-se meios para compreensão desta formação discursiva, nas condições de produção a que poderiam estar ligadas tal discursividade da cidade. Como aporte teórico, utiliza-se de conceituações de Orlandi (2012a; 2012b; 2013), Pêcheux (2014) e Foucault (1978). Também observamos a formação nacional com Ribeiro (1995) e Holanda (1995), o Brasil atual com IBGE (1999) e Melo e Cano (2012), as relações de poder na formação de grupos em Kaës (2003), teorias críticas na área da comunicação Hohlfeldt (2012) e as novas identidades culturais em Hall (2011). Se por meio da materialidade de um acontecimento do tipo pichção, podemos encontrar sentidos para “Vida Loka”, na qual o sujeito em determinado momento histórico foge dos tradicionais ensinamentos escolares e tenta se fazer ouvir por meio do tamanho da grafia, pelo uso de um novo suporte de escrita e numa configuração gramatical que causa transgressão à normatividade, poderá ser esse discurso uma estratégia para se possuir poder.

Palavras-Chave: Sociedade. Sujeito. Discurso. Pichção. Vida Loka.

ABSTRACT

This article aims to analyze the event around the graffiti that states "Vida Loka", found in the urban area of Porto Velho (RO) and photographed in 2013. In a study conducted through the Discourse Analysis of the French school, means are sought to understanding of this discursive formation, in the conditions of production to which such discursivity of the city could be related. As a theoretical contribution, the concepts of Orlandi (2012a; 2012b; 2013), Pêcheux (2014) and Foucault (1978) are used. We also observed the national formation, with Ribeiro (1995) and Holanda (1995), current Brazil with IBGE (1999) and Melo and Cano (2012), power relations in group formation in Kaës (2003), critical theories in area of communication Hohlfeldt (2012) and the new cultural identities in Hall (2011). If through the materiality of a graffiti-like event we can find meaning for Loka Life, in which the subject at a certain historical moment shuns traditional school teachings and tries to make himself heard through the size of the spelling, through the use of new writing and in a grammatical configuration that causes transgression to normativity, this discourse can be a strategy to have power.

Keywords: Society. Subject. Speech. Graffiti. Thug Life.

INTRODUÇÃO

Observamos situações que se repetem (ou as reproduzimos) e damos pouca importância aos fatos. Ao trabalhar com alfabetização de jovens e adultos, anos atrás, via a necessidade de me envolver com a comunidade. Com isso, comecei a acompanhar

¹ Jornalista (ASCOM/IFRO) e integrante do Grupo de Pesquisa GET/IFRO/Mestranda em Letras na UNIR.

muitos jovens do meu antigo bairro em Campo Grande (MS). Eles adoravam a inscrição “Vida Loka”, em cadernos, escritos nas paredes e muros, carteiras escolares, ônibus, enfim, sempre de forma bem marcada por traços fortes da caneta ou em grafias diferenciadas. Mudei de cidade, e novamente me deparo com essa inscrição, até mesmo em nome de grupo de jovens de condomínio, e revejo pichações na área central de Porto Velho (RO). Antes, em senso comum, acreditava mesmo que a vida era loucura: morar num bairro de periferia, não corretamente atendido pelo poder público. Mesmo não sendo a realidade de todos, era a de muitos, pois, os pais de família estavam em subemprego e seus filhos nem sempre preparados para o mundo moderno e suas poucas condições de empregabilidade, às margens da sociedade, às voltas com drogas, sexo e outros enfrentamentos. Agora, este artigo é uma forma acadêmica de buscar respostas, sinais e significações para esta frase: “Vida Loka”, pois, conforme Eni Orlandi: “E um menino que faz uma pichação está lá para dizer que ele existe, que ele está ali, que este seu gesto é um gesto simbólico que o liga de algum modo à sociedade”².

Este artigo é resultado dos estudos feitos a partir da disciplina Análise do Discurso e Teorias da Enunciação, ofertado no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia, na condição de aluna especial no ano de 2014. Temos, portanto, o objetivo de analisar o discurso em acontecimentos discursivos por meio de pichações fotografadas na cidade de Porto Velho no ano de 2013, em que estava registrado o enunciado “Vida Loka”, encontrado em mais de um local da região central³. Utiliza-se como dispositivo metodológico a Análise de Discurso (AD).

A SOCIEDADE

A investigação busca compreender por meio da Análise de Discurso de linha francesa a estrutura em que está envolvida uma frase registrada em paredes da cidade de Porto Velho, Rondônia, envolvendo um estilo de vida citado nacionalmente em letras de música, em especial as do estilo rap. Há uma condição atual na sociedade em que o sujeito é ao mesmo tempo livre e submisso (ORLANDI, 2013).

Por estar ancorada em bases do materialismo histórico, da psicanálise e da linguística, a Análise de Discurso pecheutiana trará o sujeito atravessado por uma ideologia da qual ele próprio não tem o “controle”, desenvolvendo desta maneira certa

² Eni Orlandi em entrevista ao portal da Rede Globo, disponível em <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>. Acesso em 26 Ago 2017.

³ Atualmente, as pichações já receberam pintura que as encobriram. Apagando novamente essas vozes.

prática política (muito para além do sentido partidário) durante sua vida. E ao ser enunciador também ocupará determinadas posições na sociedade. Com vistas a analisar o enunciado “Vida Loka”, ainda muito utilizado por jovens e reproduzido em diversos espaços públicos urbanos, visuais ou orais, utiliza-se do instrumental teórico dessa disciplina crítica das Ciências Sociais, em que o discurso é revelado como um acontecimento e uma estrutura ao mesmo tempo.

A discursividade da cidade é um dos temas estudados por Eni Orlandi sob a classificação de “discurso urbano”, na qual ela inclui do menino do tráfico ao sujeito do grafite. No Brasil, neste início do século XXI, mantendo-se inserido em um sistema capitalista cada vez mais avançado e excludente, com uma sociedade dividida em classes, as condições de produção relacionadas a esta atualidade estudada neste artigo são de condições de vida não muito confortável para a juventude.

Conforme o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA)⁴, em que num país que a Constituição⁵ o traz como Estado Democrático de Direito, condições como a de sexo, cor/raça e idade podem aumentar a probabilidade de ser assassinado antes de se completar 19 anos, especialmente por vulnerabilidades ligadas a problemas econômicos, educacionais, gravidez precoce, drogas, violência e apelo ao consumismo. “Em 2010, os adolescentes do sexo masculino apresentavam um risco 11,5 vezes superior ao das adolescentes do sexo feminino, e os adolescentes negros, um risco 2,78 vezes superior ao dos brancos” (MELO; CANO, 2012, p. 12). Outro dado do relatório, é que a faixa etária da adolescência possuía risco 5,6 vezes superior às demais fases da vida de morrer por meio de arma de fogo.

Se conforme a Análise de Discurso o lugar da qual se fala é que subjetiva o sujeito, é necessário conhecer um pouco mais de quem seriam esses possíveis pichadores. Antes, vale lembrar que em 2015 a população do Brasil passou dos 203 milhões de habitantes. Antevendo que fossem pessoas jovens as que picham nas paredes urbanas, poderíamos recorrer novamente às contagens do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que realizou, a partir da série dos Censos Demográficos brasileiros, uma demonstração da evolução da população na faixa etária entre 15 e 24

⁴ Notícia disponível em <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/01/numero-de-adolescentes-assassinados-entre-2013-e-2019-pode-passar-de-42-mil>>. Acesso em 08 Fev 2015.

⁵ Constituição da República Federativa do Brasil, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 08 Fev 2015.

anos de idade. Do ano de 1940 eram 8,2 milhões de brasileiros pertencentes a esse grupo etário, passando para 18,5 milhões no ano de 1970, e atingindo entre 1991 e 1996, respectivamente, 28,6 e 31,1 milhões de habitantes entre 15 e 24 anos de idade (IBGE, 1999).

Uma realidade urbana muito diferente do que foi a formação de toda a estrutura social brasileira no período colonial em que a base era de raízes rurais. Em sentido amplo, buscando memórias históricas, verifica-se que as cidades vão se constituir de fato a partir da chamada “abolição da escravatura”, em 1888, quando a sociedade de classes se fixa de vez no Brasil:

Na Monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, quem monopolizavam a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando, e fundando a estabilidade das instituições nesse incontestado domínio (HOLANDA, 1995, p. 73).

Passando para o ano de 1996, o número de jovens representará 19,8% da população total do Brasil (IBGE, 1999). Deste total de jovens, 78% moravam em área urbana, chegando a quase dez milhões o número dos que residiam nas regiões metropolitanas brasileiras. No que diz respeito à proporção de público feminino e masculino, a Contagem Populacional realizada nesse ano registrou pequena diferença ao se referir ao público jovem, abaixo da média geral do país que é de 97 homens para cada grupo de 100 mulheres. Sobre a distribuição dessa população por cor, em 1991 havia 49,2% brancos e 50,5% negros. Ainda conforme o estudo “População jovem no Brasil” do IBGE⁶: “As razões de sexo da população negra diferem em muito das correspondentes às pessoas que se declararam brancas, tendo o primeiro conjunto os homens como maioria, enquanto que no grupo de brancos ocorre o oposto”.

HISTÓRIA DO BRASIL

Em Análise de Discurso o sujeito é pensado como não completo e sem controle sobre o que diz, conforme Michel Pêcheux, o “acontecimento que é absorvido pela memória como se não tivesse ocorrido” (2010, p. 50). Mesmo a história não sendo analisada de modo sequencial para se compreender diferentes discursos que perpassam os sujeitos, é importante pensar como os discursos são construídos/constituídos na história. Se recorrer ao Brasil de até menos de dois séculos atrás se encontra uma

⁶ Documento do IBGE, disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf>>. Acesso em 26 Ago 2017.

colonização (STEDILE, 2005) que usou do conceito de superioridade de raça para rotular e subjugar negros e índios. Usando do monopólio das terras pela Coroa Portuguesa, a edição da Lei de Terras (1850) manteve a concentração nas mãos de poucos proprietários, mantendo a transformação de tudo em mercadoria (pau brasil, pessoas, cana-de-açúcar, ouro, café). Fatores que são as bases das tensões sociais mantidas durante formação do país até a passagem para um sistema capitalista no século XX.

Basta recorrer a Darcy Ribeiro (1995) para verificar que o processo de formação do povo brasileiro teve configuração totalmente distinta das matrizes iniciais europeias, ou do que ocorreu entre outros povos americanos, como no caso da colonização inglesa ao norte do continente. Processo formativo posterior envolto em uma estrutura de classes, que perpetua a ordem social vigente: classes sociais subalternas e resignadas ao seu destino devido também à incapacidade de organização e enfrentamento.

É bem provável que o brasileiro comece a surgir e a reconhecer-se a si próprio mais pela percepção de estranheza que provocava no lusitano, que por sua identificação como membro das comunidades socioculturais novas, porventura também porque desejoso de remarcar sua diferença e superioridade frente aos indígenas (RIBEIRO, 1995, p. 127).

De tudo isso resulta que no Brasil algumas ideologias vêm ao longo dos tempos justificando a concentração de poder, manutenção de sistema de desigualdade social, concentração de renda, poder e educacional, tendo em vista que tudo da colônia brasileira era transformado em mercadoria e enviado à metrópole europeia, que acumulava todo o capital (STEDILE, 2005, p. 20). Ideologias estas como as que descrevem sendo um país de igualdade racial e social, ordeiro como definido em sua própria bandeira (Ordem e Progresso), e cordial, mas que se utiliza de jeitinho brasileiro, de apadrinhamentos, de pequenos deslizes para se chegar a algum poder, como notícia de forma recorrente a própria mídia⁷.

Essa espécie institucionalizada de frouxidão das regras em território nacional também é discutida em Sérgio Buarque de Holanda. Em *Raízes do Brasil*, o autor

⁷ Exemplos podem ser vistos em O Estadão com “No Senado, a bandeira sem Ordem e Progresso” ou em temas com “Ordem ou progresso?” de O Globo. Disponíveis em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,no-senado--a-bandeira-sem-ordem-e-progresso,10000005399>> e <<https://oglobo.globo.com/opiniao/ordem-ou-progresso-21890763>>. Acesso em 05 Dez 2017.

mostra que muitas vezes o público se confunde com o privado, uma espécie de herança da família patriarcal rural brasileira. Essa estrutura social colonial ter sua base fora dos meios urbanos traz influências, direta ou indiretamente, nas condições que “nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagam ainda hoje” (HOLANDA, 1995, p. 73).

Vê-se que desde os primeiros tempos de colonização até dias atuais as desigualdades se enraízam com amortização por meio do assujeitamento que o brasileiro passa, vindo de todos esses aparelhos ideológicos e amplificados na incessante distração reproduzida pela mídia, ao tirar o foco das verdadeiras causas da desigualdade (pobreza, desemprego, violência, corrupção). Encobrendo esse passado de senzalas e aldeamentos ou outras formas de aprisionar a mão de obra, pode-se comparar com os aparelhos ideológicos atuais, indo das escolas ou igrejas ao fortalecimento do sistema de persuasão do Estado, por meio da mídia, Poder Judiciário e Legislativo, das prisões e do direito de violência em geral como forma de relacionamento entre o poder estatal e a população.

LOUCURA

Revistas cenas da historicidade do país, busquemos algo relacionado ao que é louco, à loucura. Como primeira recorrência, na ficção brasileira, por exemplo, o tema loucura foi abordado por Machado de Assis em *O Alienista* (2009). No conto, o Dr. Simão Bacamarte trata praticamente a toda população de Itaguaí (RJ) que ele entendeu sofrer de patologias cerebrais – depois reconsiderou todo seu estudo e tratou a todos os “normais”, terminando por ele próprio a se entregar para internação, estudo e cura de sua loucura. Para o protagonista do conto, a saúde da alma seria a ocupação mais digna de um médico, definindo em seus estudos os limites entre razão e loucura. Por analogia, podem-se comparar os procedimentos de *O Alienista* como o contraponto da Análise de Discurso, tendo em vista que seus estudos estavam voltados à cura, sob enfoque Positivista. Lembrando que esta corrente filosófica foi uma das formas de ordenamento científico que recebeu grande crítica desde a constituição da AD.

Já em a *História da Loucura*, Foucault (1978) mostrará por meio de processos históricos e sociais que os loucos ganharão como espaço de sua exclusão social e segregação os antigos leprosários. Ao final “das Cruzadas, da ruptura com os focos orientais de infecção” (FOUCAULT, 1978, p. 9), as estruturas irão permanecer e abrigarão mais de dois séculos depois “pobres, vagabundos, presidiários e ‘cabeças

alienadas” (1978, p. 10). No viés das artes, na Corte “o bobo, o louco” ganha destaque na área de cultura e artes.

Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano. Ele pronuncia em sua linguagem de parvo, que não se parece com a da razão, as palavras racionais que fazem a comédia desatar no cômico: ele diz o amor para os enamorados, a verdade da vida aos jovens, a medíocre realidade das coisas para os orgulhosos, os insolentes e os mentirosos. (FOUCAULT, 1978, p. 19)

Isso demonstra o fascínio humano pela loucura, esta que detém o poder de realizar o que se quer, sem impedimento externo, como o observado neste período da história pós-Idade Média, na Renascença. Passada essa fase, a loucura é posta de fato diante da razão e levada à internação. Ainda segundo o livro de Foucault, em 1656, criou-se o Hospital Geral, destinado a impedir a mendicância, ociosidade e todas as formas de desordens. Abrigando inicialmente os doentes venéreos, contaminados por cometerem pecados contra a carne ou atentarem contra a razão. E daí para a loucura foi um passo.

Se em Pêcheux apreende-se que o lugar da qual o sujeito fala é o que está a subjetivá-lo, pois quem enuncia ocupa uma posição e dentro dos discursos ecoam outros discursos, questiona-se na hegemonia trazida pela ideologia formada na sociedade brasileira o sujeito que não se encaixa é excluído (ou seriam todos excluídos na essência do sistema: leprosos, contaminados com doenças sexualmente transmissíveis, loucos, jovens de classe baixa, um cem número de outras designações)?

A ANÁLISE

Tomando por base que os sujeitos são historicamente construídos e o que cada um pensa possui efeitos ideológicos, além de que, nem o mundo e nem as falas são transparentes, ao analisar a autodenominação “Vida Loka” iremos recorrer a diferentes formações discursivas, encontradas nas pichações e até mesmo nas músicas, por exemplo, em que este enunciado aparece. Para construir o arquivo a ser analisado, utilizando da Análise de Discurso, é necessário encontrar as formações discursivas (FDs) em que há regularidades e o que é recorrente.

As imagens analisadas neste artigo foram fotografadas na região central da cidade de Porto Velho (RO), mais especificamente em uma parede-muro de imóvel comercial na Rua Júlio de Castilho com a Avenida Sete de Setembro (Bairro: Centro); no palco elevado (coreto) da Praça Pública Aluizio Ferreira na Av. Farquar (Bairro:

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Caiari); e no muro residencial localizado na Rua Santos Dumont com Duque de Caxias (Bairro: Caiari). Observemos, assim, as inscrições feitas nestas três diferentes paredes e muros de Porto Velho:



Figura 1: Imagem fotografada na Rua Júlio de Castilho, sub-esquina com Avenida 7 de Setembro - Centro de Porto Velho (RO). Fonte: Fotografia feita pela autora do artigo.



Figura 2: Coreto da Praça Aluísio Ferreira na Av. Farquar - Bairro Caiari em Porto Velho (RO). Fonte: Fotografia feita pela autora do artigo.



Figura 3: Rua Santos Dumont com Duque de Caxias - Bairro Caiari em Porto Velho (RO). Fonte: Fotografia feita pela autora do artigo.

Entre suas produções bibliográficas, Eni Orlandi chama de discurso urbano o que é produzido pelo sujeito do grafite, do *piercing*, da tatuagem, do rap e do menino do tráfico. Para a autora, o pichador não escreve com letras do alfabeto e, portanto, está fora do alcance da escola. A autora trabalha com a questão da historicidade, base no funcionamento da ideologia, para analisar o sujeito, o sentido, o histórico e o político. De fato, não é na escola tradicional que se ensina a escrever em paredes. Pelo contrário, muitas vezes é tema de punição.

Seguindo pelo ensinamento de Orlandi, ao comparar a materialidade do enunciado (“Vida Loka”) com os estudos da língua portuguesa, obtém-se como explicação no Minidicionário Melhoramentos (1997) as seguintes definições para as duas palavras:

vi.da sf 1 Existência. 2 Modo de viver. 3 Animação, entusiasmo.

lou.co adj + sm 1 Que perdeu a razão; alienado, doido, demente. 2 Que está fora de si.

“Louca”, portanto, seria o adjetivo/substantivo feminino. Sendo adjetivo, caracteriza e atribui qualidade ao substantivo simples, primitivo, concreto e do gênero feminino: “vida”. Por aproximação, a loucura seria na medicina um desarranjo mental; demência, psicose, ou no figurativo, uma grande extravagância. Tendo por antônimos:

morte e razão/normalidade. Nesta formatação, seriam cerca de 60 antônimos⁸ para louco e outros tantos não-ditos são trazidos para o enunciado vida⁹.

Há também de se observar que existe a formação de um neologismo em Loka, com a substituição por uma letra recém-incorporada ao alfabeto da Língua Portuguesa (“K”)¹⁰, sendo até recentemente considerada um estrangeirismo no país.

Nesta frase nominal (portanto, de forma mais simples que uma frase verbal ou que uma oração) o substantivo Vida é adjetivado por “louca”, mas não seguindo os padrões gramaticais ao ser grafada “Loka”. E se seria uma forma de viver louca, pode estar se referindo, assim, a algo não normal que, portanto, perdeu a razão.

Por outro lado, o que seria o “normal” se na pós-modernidade não existe um “sujeito humano” como existiu no passado: de identidade identificada e coerente? Stuart Hall (2011) trouxe o debate sobre essa mudança de identidade fixa e estável do sujeito do Iluminismo para um sujeito pós-moderno de identidade aberta, contraditória, inacabada e fragmentada. Como o autor afirma, “assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2011, p. 39). Da mesma forma como ocorre no processo ideológico ou da própria linguagem, a identidade não é inata, se forma em processos inconscientes. Levando-se em conta que não se é autor do que se fala, porquanto a língua é cultural, um sistema social (HALL, 2011). Pode-se perguntar, então, qual é a representação de Vida Loka e do sujeito de identidade fragmentada que se autodefine como tal?

A resposta pode estar nos estudos saussurianos, ou pós-saussurianos (PÊCHEUX, 2014), na subjetividade do enunciado, indo além de significante e significado. “O significado não é a realidade que ele designa, mas sua representação. É o que quem emprega o signo entende por ele” (FIORIN, 2002, p. 58).

Na história da linguística há três momentos que provocarão forte ruptura nas linhas dos estudos linguísticos de suas épocas. Com o Estruturalismo no início do

⁸ Dicionário de Antônimos. Disponível em <<http://www.antonimos.com.br/louco/>>. Acesso em 27 Ago 2017.

⁹ Dicionário de Antônimos. Disponível em <<http://www.antonimos.com.br/vida/>>. Acesso em 27 Ago 2017.

¹⁰ Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm>. Acesso em 27 Ago 2017.

século XX, Ferdinand de Saussure deixou como legado aparato teórico que superou os estudos comparativos, históricos e naturalistas. Foi Saussure quem inaugurou a língua como sistema de signos. O Gerativismo do americano Noam Chomsky, na década de 50, trará novo olhar sobre a linguística saussuriana, por meio de conceitos de que a língua é um sistema social/coletivo/do grupo. Enquanto na teoria chomskyana a língua é repertório, Saussure a traz como social, uma convenção, representada por meio do signo. E a partir dos anos 60, a Análise de Discurso irá inserir o pós-estruturalismo com pensadores como Michel Pêcheux e Michel Foucault. Não se pretende neste trabalho a comparação sistemática entre as três teorias, tendo em vista que em ciência cada estudo possui seu objeto, sem de modo impedir a formação de pontos de vista diferentes sobre mesmos objetos.

Porém, é importante a visualização dos três legados, tendo em vista que o estruturalismo de Saussure está pressuposto na constituição da Análise do Discurso ou até mesmo do Gerativismo. É na oposição entre língua e fala que Pêcheux encontra a “autorização” do linguista para a subjetividade na fala do sujeito a partir das condições dadas à produção do discurso.

Além da Linguística, Pêcheux apoia-se em outras duas teorias para construir a base teórica da Análise de Discurso: a do marxismo (por meio da releitura feita por Althusser sobre o materialismo histórico e da ideologia) e da psicanálise (com a teoria do discurso permeada pelos estudos de Lacan sobre a obra de Freud). Torna-se, portanto, a espinha dorsal dos estudos da Análise do Discurso em Michel Pêcheux a noção de sujeito (do discurso), constituído sobre a superação do indivíduo (psicologia), que passa a ser visto como interpelado pela ideologia. Assim, surge o sujeito, que não é pleno no que diz/consciente, havendo toda uma ideologia materializada nele. Atentemos, porém, não ser possível pensar em um sujeito que vai passar imune em todas as ideologias existentes na sociedade.

Ao se autodenominar “Vida Loka”, o sujeito assume determinada posição. Ao comparar essas posições aos papéis desempenhados na cidade por uma “mulher mãe”, será diferente do papel de “mulher filha”, ou de “professor” que é diferenciado de ser “aluno”, entre outros exemplos. Essas diferentes posições sociais também estão envoltas a diversos significados ideológicos.

Há na internet uma frase atribuída a Pedro Paulo Soares Pereira, mais conhecido como Mano Brown, rapper brasileiro, vocalista dos Racionais MC's¹¹, que pode ilustrar o que seria a essência de um “Vida Loka”: “É ser um guerreiro, falar não quando todo mundo ta falando sim, correr na subida, não ter medo de morrer, ser escudo do irmão, isso é ser Vida Loka¹²”. Surgido em 1988, o grupo brasileiro de rap “Racionais MC's” escreve letras de músicas com objetivo de mostrar a desigualdade social brasileira, enfatizando temas que incluem crime e injustiças, entre outros.

Duas músicas entre as letras do Racionais Mc's foram escritas com o título Vida Loka (Vida Loka I e Vida Loka II), que falam de religião, de não ter fé no futuro, de estar aqui de passagem, de consumismo, de agir corretamente, de guerra e de paz. A exclusão e o destino a quem for um “Vida Loka” está descrita na segunda edição da música: “Programado pra morre nós é. É certo... é certo... é crer no que der”. Caso necessite especificar ainda mais o público excluído, outra passagem da letra mostra a cor da maioria da população brasileira segregada: “Preto e dinheiro são palavras rivais”.

Ao se inscrever publicamente como “Vida Loka”, dentro de uma pichação, os sujeitos de Porto Velho poderiam estar se enquadrando num grupo. Para Kaës (2003), há nestas formações coletivas um sistema interno que transmite proteção e defesa em decorrência do fazer parte do grupo. Formam-se aí alianças inconscientes. “O grupo reúne de facto [sic] vários sujeitos, normalmente estranhos uns aos outros no momento do primeiro encontro” (KAËS, 2003, p. 44). O autor ainda trata da formação do discurso do grupo, que se constituem de “imagens, palavras e falas que se encadeiam na sincronia e na diacronia dos enunciados; incluem uma parte de significantes infraverbais, e são endereçados” (KAËS, 2003, p. 61). Sobre o poder formado a partir dessa união, Kaës explica que “construir um grupo é dar-se mutuamente a ilusão de uma massa, de um corpo indivisível, imortal, todo-poderoso” (2003, p. 70).

E nas *Teorias da Comunicação*, em Hohlfeldt (2012), existem passagens que podem dar pistas na criação de estilos que se multiplicam além de fronteiras de pequenas comunidades. Na Escola de Frankfurt, teóricos como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, entre outros, estudaram a “indústria cultural” e o processo de formação histórico do ser humano, da cultura e da sociedade. Por essa

¹¹ Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/biografia/#ixzz2ezoWw300>>. Acesso em 27 Ago 2017.

¹² Disponível em <http://www.capao.com.br/abre_artigo.asp?id_artigo=395>. Acesso em 27 Ago 2017.

exploração capitalista e industrialização do bem cultural se passa também a democratização da cultura, uma vez que se torna mercadoria e pode ser comprada, porque amplia sobremaneira o acesso a peças antes restritas a pequenos públicos. Uma indústria cultural que amplia sobremaneira modos parecidos de pensar, tentar se incluir, pertencer aos modelos sociais vigentes.

O “grito” de uma pichação estaria em dizer que este indivíduo excluído de alguma maneira, também existe e pertence a um grupo. Diz, portanto, muito mais que mera junção de letras ou palavras escritas em grandes formatos em paredes diversas. Ao lançar o olhar via Análise de Discurso e verificar as condições de produção desse discurso (CPs), chega-se ao que Orlandi explica de que não se diz o que se quer mesmo na negação do que está posto (ORLANDI, 2012). Acreditamos que da mesma forma que em Análise de Discurso se pressupõe estudar o discurso, contendo a ideia de estar em curso, percurso, movimento (ORLANDI, 2013), também podemos verificar na prática a concepção da linguagem como a necessária mediação homem e a sua exterioridade: realidade natural e social. Esse conhecimento prévio das atualidades facilita na compreensão de quais práticas estão adotadas no momento dado.

Porém, voltamos a relembrar que o discurso não é transparente, da mesma forma ao que ocorre ao sujeito e as ideologias que o acompanham em sua formação. É por isso que para a Análise de Discurso interessa o sujeito que fala, época, situação, memória, o acontecimento. Tudo o que possa trazer luz à ideologia projetada no sujeito e no dito por ele e que se enquadra em determinadas condições de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos neste artigo o acontecimento em torno da pichação que enuncia “Vida Loka” em paredes localizadas na área urbana de Porto Velho (RO). As pichações foram fotografadas no ano de 2013 na região central, em três diferentes endereços: uma parede de imóvel comercial no Centro da cidade (Rua Júlio de Castilho com a Avenida Sete de Setembro); um espaço público do Bairro Caiari, como é o coreto da Praça Aluísio Ferreira na (Avenida Farquar); e um muro residencial também no Bairro Caiari (Rua Santos Dumont com Duque de Caxias).

Depois de vistas e registradas ao longo do ano de 2013, a partir do ano seguinte as escritas fotografadas foram sendo retiradas, por meios de novas pinturas e revitalizações feitas nessas paredes e muros pelos proprietários (particulares ou

públicos), demonstrando que é um espaço em constante construção e/ou em relação de disputa de poder.

Sob o aporte teórico dado pela teoria da Análise de Discurso da escola francesa, foram verificadas quais formações discursivas e condições de produção poderiam estar ligadas a tal discursividade da cidade. O sujeito que se autodenomina ou assina publicamente “Vida Loka” pode estar tentando se enquadrar em um grupo, assumindo uma determinada posição, ressaltando sua identidade e disputando espaço dentro de uma sociedade capitalista. Ou mesmo se posicionando enquanto sujeito que enuncia dentro de uma realidade contraditória: de vida/morte e de loucura/normalidade.

De posse do dispositivo conceitual da Análise de Discurso e do material até aqui esboçado, é possível encontrar no sujeito que escreve por meio de uma pichação em um muro de cidade deixa também registrando um texto, um sentido, um discurso, ou um discurso urbano como estuda Eni Orlandi. Esse acontecimento, com esta estrutura, pode representar alguém que busca fugir de uma realidade a ele imposta, nesta tentativa arrisca mais em busca de um poder ter e um poder fazer.

Se for, portanto, na própria materialidade da pichação que encontraremos o sentido para “Vida Loka”, diante de qual é sujeito e em que momento histórico o fez, o próprio ato de fugir dos ensinamentos escolares (escrever apenas em cadernos e/ou papéis a este fim destinado, ou por meio de dispositivos eletrônicos) e de se impor pelo tamanho da grafia ou numa nova configuração gramatical, é esse discurso também uma estratégia para se possuir poder.

Entretanto, permanecerá o questionamento: consegue sair da “caixinha” social ao qual está imposto? Visto que, estatisticamente, entre o morador das periferias da cidade na idade juvenil estão as maiores porcentagens de morte, gravidez e outros problemas sociais. O ciclo social se desenrola sem passividade e com poucas mudanças estruturais. Todas essas são possibilidades abertas para novos estudos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **O Alienista**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos Signos. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. **População jovem no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

KAËS, René. **As teorias psicanalíticas do grupo**. Lisboa: Climepsi, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2012a.

_____. **Discurso & Leitura**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012b.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 11 ed. Campinas: Pontes, 2013.

MELHORAMENTOS. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

MELO, Dorian Luis Borges de; CANO, Ignácio (Orgs). **Relatório Homicídios na adolescência no Brasil: IHA-2009-2010**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, Françoise e HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

STEDILE, João Pedro (Org). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional: 1500 – 1960**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.